
RESEÑAS DE PELÍCULAS / FILM REVIEWS

Olga

LUIS FERNANDO CERRI

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Olga: Brasil, 2004. Dir: Jayme Monjardim Roteiro: Rita Buzzar, baseado em livro de Fernando Morais.

A história da judia alemã e comunista Olga Benário começou a ganhar algum espaço no imaginário brasileiro a partir do livro de Fernando Morais, lançado em 1985. O apelo obtido pelo livro obteve uma procura muito acima da média considerando tratar-se de literatura de documentário (600 mil exemplares vendidos, traduzido em 21 países) e está relacionado com o momento político em que as massas tomaram as ruas para exigir o fim do regime militar e eleições diretas para a presidência. A história trazida por Morais encaixa-se atualmente num modelo de mulher politizada e militante, num período de resistência a uma outra ditadura e ainda na permanência da utopia socialista. Estes temas encontraram eco no público leitor, que coincidia em grande parte com os participantes de movimentos organizados da sociedade civil.

Quase 20 anos depois, o filme baseado no livro vem ao encontro de uma sociedade bastante diferente: apesar de um presidente operário, originado nas lutas sindicais e políticas da esquerda brasileira, a sociedade civil contesta uma passividade constrangedora, sobretudo quando diversas políticas neoliberais são mantidas pelo governo de esquerda.

Jayme Monjardim é um célebre diretor de telenovelas (*soap-operas*) e mini-séries televisivas, e os atores principais são também essencialmente conhecidos pela sua atuação na televisão. A produção de Olga é liderada pela Rede Globo de Televisão, através da Globo Filmes. Enfim, a vida de Olga acabou por representar um bom negócio para a indústria capitalista de entretenimento que, no Brasil, encontra na Rede Globo a sua expressão mais pura. No entanto, a

lfcerri@uepg.br

memória não permite esquecer que o complexo empresarial da Globo surgiu a partir das benesses da ditadura militar brasileira, cresceu cumprindo a tarefa ideológica nacionalizante articulada com a Doutrina de Segurança Nacional e militou contra o avanço das esquerdas no período da redemocratização dos anos 1980, mesmo período em que o livro de Moraes veio a público.

O principal efeito das condições de produção sobre a estética do filme é a prevalência de uma linguagem televisiva, tanto na fotografia quanto no roteiro. Por um lado, isso significa a apropriação de recursos de som e imagem de superprodução resultando numa reconstituição de época muito bem feita, entre outros fatores que demandam muitos recursos (por exemplo, a cena de Olga sob a neve no campo de Havensbruck teve centenas de figurantes e neve artificial, num dos bairros mais quentes do Rio de Janeiro). É, de fato, algo que historicamente faltou ao cinema brasileiro. Por outro lado, acaba impondo uma linguagem de vídeo pouco trabalhada em relação à linguagem cinematográfica, exemplificada tanto no abuso dos *closes* e *supercloses*, como na carência de planos abertos. Estas opções têm efeito também na opção narrativa do roteiro, que é centralizar a história de amor de Olga Benário com o capitão Luis Carlos Prestes, conhecido como o Cavaleiro da Esperança, líder e ícone do comunismo no Brasil. Com essa estratégia, a obra consegue convencer um público acostumado com a televisão e com a lógica narrativa das telenovelas, sustentadas em pares românticos e casos comoventes. Daqui resulta um grande sucesso de bilheteira e a simpatia do público.

A película foi exibida para o presidente da República na sua residência oficial, onde estiveram também os (junto aos) atores principais, o diretor e o autor do livro. Deve-se lembrar que empresas públicas federais participaram no financiamento da obra, que também teve o apoio da Agência Nacional de Cinema – Ancine – e do próprio governo federal. O presidente afirmou que a divulgação dos personagens Olga e Prestes era importante, sobretudo naquele momento em que o governo investia na auto-estima do povo brasileiro e em educação política. Aproveitando a oportunidade, relembrou a sua trajetória pessoal como sindicalista e militante de esquerda perseguido pela ditadura. O ator Caco Ciocler, que sendo judeu sentiu-se tocado pelo anti-semitismo que se vivia na época representada, afirmou também que muito pouco se conhece no Brasil sobre o período em questão pelo que teve dificuldades nas suas pesquisas para compor o seu personagem, Luis Carlos Prestes.

O filme participa, portanto, de forma incisiva, do jogo das identidades e da composição da memória histórica nacional. Um dos seus efeitos imediatos foi a proposta, por parte do senador de esquerda Eduardo Suplicy, de retirar o nome de Filinto Müller de uma das alas do Senado Federal. Embora Müller, que chegou a senador durante a ditadura militar, não possa ser acusado da extradição de

Olga para a Alemanha nazista, o chefe de polícia responsável pela sua captura, assim como pela captura de Prestes, após a revolta comunista frustrada de 1935 é um símbolo do desrespeito aos direitos civis e da aproximação da ditadura de Vargas ao nazismo. A sua caracterização como vilão, e de Olga e Prestes como heróis responde às necessidades narrativas do estilo cinematográfico escolhido – um drama histórico e um épico popular –, mas responde também à revisão histórica da atual conjuntura, conseguindo produzir uma heroína comunista após o descrédito do comunismo, reforçando os outros elementos de sua identidade: guerreira, mulher, espiã, mãe e judia sacrificada pelo nazismo.

O filme só não ousa enfrentar o mito gigante de Vargas, último responsável pelo martírio de Olga, e cujo governo, afinal, pendeu para os Aliados na 2ª Guerra Mundial, aproximou-se do movimento sindical, concedeu direitos trabalhistas fundamentais e cuja memória estrutura, até hoje, uma expressiva parcela da própria esquerda brasileira.